



# OFÍCIO DE ALFAIATE

Em Portugal as primeiras referências ao ofício de alfaiate remontam ao século XII, tornando-se esta numa profissão altamente especializada, o que permitiu aos artífices trabalharem para os mais altos representantes da nobreza e atingirem elevado estatuto social.

No que concerne a Grândola existem diferentes documentos que mencionam os alfaiates, sendo a referência mais antiga que se conhece data de 1574. A atividade era regulamentada pela legislação régia e pelas deliberações e posturas camarárias que, entre outras atribuições, deviam fixar os preços dos artigos que os artesãos produziam e efetuar a eleição do juiz do ofício. Neste âmbito, é conhecido o termo de eleição do juiz dos alfaiates da vila, do ano de 1612, que tinha como função realizar o exame àqueles que pretendiam exercer a profissão. Só os que obtinham o certificado poderiam abrir a própria oficina.

Durante a segunda metade do século XX este ofício começa, gradualmente, a perder importância devido, sobretudo, ao aparecimento do pronto-a-vestir. Na década de 50 existiam na vila oito alfaiatarias, na década seguinte apenas quatro e na década de 80 somente duas permaneciam abertas. Atualmente encontramos ainda neste mester o alfaiate José Manuel Gonçalves da Costa, nascido em 1943 na aldeia de S. Cristóvão, que começou a trabalhar com o pai neste ofício quando tinha 13 anos.

As linhas que se seguem deixam-nos o testemunho de uma vida inteira dedicada a esta arte.

## FUNDAÇÃO DA ALFAIATARIA GOMES DA COSTA

*O meu pai, Júlio Gomes da Costa, era oriundo de Viseu e foi lá que deu os primeiros passos nesta arte, mais tarde fez o curso da Academia de Corte Maguidal por correspondência. Veio para Grândola em 1948 e em 1949 abriu a alfaiataria na Rua Vasco da Gama. Depois viemos para aqui (Rua D. Nuno Álvares Pereira) em 1953, porque era estabelecimento e habitação.*

## APRENDIZAGEM

*Comecei a aprender esta profissão depois de ter reprovado na prova oral do 2.º ano. Fui aprendendo tudo, ia aprendendo a trabalhar com a agulha e depois a parte de trabalhar à mesa e com o ferro.*

## EMPREGADOS E VOLUME DE TRABALHO

*As empregadas eram muitas. Chegaram a ser 14 costureiras, só trabalhavam de mão, com a agulha, e à máquina. Passaram-se noites em que não cheguei a ir à cama. Naquela altura chegámos a fazer um fato num dia. Havia sempre trabalho todo o ano mas na época das festas: Natal, Páscoa e Feira, havia mais.*

## TECIDOS

*Os tecidos eram comprados em armazéns, o viajante é que passava aí. Nessa altura, não passavam todas as semanas, mas de 15 em 15 dias, de mês a mês. Traziam as amostras, escolhíamos o que queríamos e depois mandavam através do caminho-de-ferro. Havia um senhor que tinha uma carroça e que trazia da estação dos comboios as encomendas para todo o comércio da vila.*

*Antigamente comprava-se tudo às peças ou meias peças. Uma peça podia ter 25, 30 ou 40 metros. Os botões e as linhas eram também comprados aos viajantes. Os tecidos eram todos em lã e em algodão como é o caso do agrim ou do cotim. Na confeção das calças das pessoas do campo era utilizado o cotim. O agrim era muito usado por pessoas que trabalhavam em oficinas de automóveis. Nos forros eram utilizados o cetim, a alpaca, as sedas e outros.*

## CONFEÇÃO

*Mostrava o tecido ao cliente, ele escolhia, depois tiravam-se as medidas. Por exemplo, num casaco tirava-se a altura da cinta, o comprimento, a largura de ombros, do peito, da cintura e da anca e depois essas medidas eram todas passadas para o tecido.*

*Antes da confeção os tecidos eram todos molhados, porque quando fossem lavados passavam a ter metade do tamanho. Estendiam-se, no quintal, num arame e com uma mangueira molhavam-se até ficarem encharcados. Quando secavam era passado a ferro e depois era o meu pai que riscava e cortava. De seguida tiravam-se as marcações, coziavam-se os golpes, faziam-se os bolsos, punham-se as entretelas e estava em prova, chamada a 1.ª prova para o cliente. Para além dos fatos de homem confeccionavam-se sobretudo, samarras e esporadicamente um fraque ou uma casaca. Para senhoras só fazíamos casacos "tipo homem", para crianças não era usual trabalharmos.*

## PREÇO E PAGAMENTO

*As pessoas menos abastadas iam arranjando o dinheiro e pagavam na totalidade, outras iam pagando a prestações. Quando eram os fatos da feira, no caso dos lavradores que tinham rendimentos no campo, o que é que acontecia? A cortiça nessa altura era vendida após este evento e só depois é que o pagavam. Um fato aqui há 60 anos andava entre os 900 e os 1500 escudos.*

## ALFAIATARIAS

*Nos anos 50 estavam em funcionamento oito alfaiatarias. Algumas começaram a deixar de trabalhar porque não tinham a capacidade das que ficaram. O meu pai, o Joaquim Manaça, o Sousa e o José Raposo foram alfaiates que se mantiveram. O declínio desta atividade começa a acentuar-se na década de 80 devido à adesão das pessoas ao pronto-a-vestir. Na nossa alfaiataria a partir de 1974 cada funcionária que abalava, a cadeirinha onde ela estava metia-se ali dentro, ficava esse espaço, já não havia trabalho para mais ninguém.*

## CLIENTES

*Tenho clientes fiéis, aqueles que vieram do meu pai, mas têm vindo a desaparecer quase todos, e esta geração mais nova não manda fazer fatos. Clientes novos aparece um ou outro, mas não é nada que dê para manter.*

## FUTURO

*Vou trabalhar até poder. Não estou interessado em ficar aí parado sem fazer nada, não tenho paciência para isso. Acho que aqui o tempo passa-se e trabalha-se.*